



Tecnologia e comunicação: o surgimento de um novo habitus e o impacto no valor da informação

Technology and communication: the emergence of a new habitus and its impact on the value of information

JEFERSON BERTOLINI*

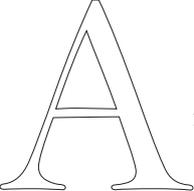
Resumo: Este artigo aborda a relação humana com os novos equipamentos de comunicação. O texto indica que o homem sempre se valeu de aparelhos tecnológicos, apesar de a venda em massa de celulares inteligentes sugerir que esta relação é recente, típica da era digital. O manuscrito mostra que a guerra e o medo da guerra (MCLUHAN, 1964) sempre foram incentivos ao desenvolvimento tecnológico, destacando a computação e os computadores nesse contexto. Por fim, aponta que o modelo contemporâneo de comunicação social cria um novo tipo de *habitus* (BOURDIEU, 2005) e impacta no valor da informação.

Palavras-chave: Tecnologia. Comunicação. Celulares inteligentes.

Abstract: This article addresses the relationship between humans and the new communication devices. It indicates that the man has always used technological devices, although the mass sale of smartphones might suggest that this relationship is recent, and typical of the digital age. This paper shows that war, and the fear of war, (MCLUHAN, 1964) have always acted as incentives for technological development, with computer technology and computers playing a leading role in this context. Finally, the article suggests that the contemporary model of social communication creates a new type of *habitus* (BOURDIEU, 2005) and impacts the value of information.

Keywords: Technology. Communication. Smartphones.

* Doutorando em Ciências Humanas (UFSC), mestre em Jornalismo (UFSC) e bacharel em Comunicação Social (UNIVALI).



APRESENTAÇÃO

A venda em massa de celulares inteligentes¹ tem, em certa medida, contribuído com a ideia de que a relação do homem com aparelhos tecnológicos que aceleram sua comunicação é algo contemporâneo, particular da chamada era digital, aquela que transforma átomos em *bits* (NEGROPONTE, 1995).

No caso específico dos computadores pessoais, que aceleram a comunicação humana por meio das redes telemáticas, tal contato surgiu já nos anos 1970, com a popularização dessas máquinas. Nesses equipamentos encontra-se a raiz dos celulares inteligentes² e de outros dispositivos portáteis modernos.

Em uma análise mais profunda, o computador pode ser entendido como uma extensão do corpo humano (MCLUHAM, 1964) porque nele, para citar dois exemplos, o homem projeta para fora de si a sua memória (possibilidade de armazenar informações fora do corpo) e a sua habilidade para processar informações (agilidade para processar dados). Visto por esse ângulo, é possível perceber o computador, e toda a tecnologia, como algo biológico³, uma espécie de característica que está em nós desde os primórdios da humanidade e não algo que seja novo.

Este artigo pretende sugerir que a tecnologia é biológica e que seus principais saltos se deveram à necessidade humana de se proteger. Como lembra McLuhan (1964, p.65), “a guerra e o temor da guerra sempre foram os maiores incentivos à extensão tecnológica de nossos corpos”.

A GUERRA NA RAIZ DA MÁQUINA DA COMUNICAÇÃO

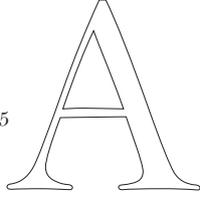
A computação, base de equipamentos modernos, como os celulares inteligentes, se desenvolveu com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a partir de máquinas criadas para interceptar mensagens dos inimigos. É, portanto, um exemplo claro de que a necessidade de autoproteção ajuda a girar a roda da tecnologia.

Algo semelhante ao temor da guerra já se percebia na era pré-histórica (antes da escrita, em 4000 a.C.), quando o homem começou a viver em grupos e se distinguir de outros animais por sua capacidade de criar armas rudimentares de caça e autodefesa. As lanças, especialmente o material cortante em suas pontas, foram sendo adaptadas às necessidades e ao descobrimento de novos materiais, como pedra e ferro, ao longo das idades Antiga (após a escrita, com formação das sociedades e das leis), Média (a partir do século 5, com o apogeu do Império Romano), Moderna (entre feudalismo e capitalismo) e Contemporânea (a partir da Revolução Francesa, em 1789).

1 De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o Brasil atingiu, em junho de 2014, a marca de 275 milhões de telefones celulares; 52% eram *smartphones*. No mesmo mês, a população do país era de 202 milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

2 O primeiro telefone celular chegou ao mercado em 1984, nos EUA. No Brasil, o primeiro modelo foi vendido em 1990. Os aparelhos passaram a se chamar *smartphones* depois de permitirem a conexão com a internet. O primeiro modelo desse gênero foi o iPhone, lançado pela Apple em 2007.

3 Como observa Gehlen (1993), o aparato tecnológico está ligado à humanidade desde os primórdios, porque sempre ajudou a viver (ao proporcionar algum conforto, como o fogo para enfrentar o frio nas cavernas) ou a causar a morte (como pontas de lança cada vez mais afiadas para se defender do inimigo). Em parte, observa, isso explica por que existe quem a ame e quem a odeie até os dias de hoje. O autor entende a tecnologia como a inteligência inventiva humana, por meio da qual o homem é capaz de se melhorar e de construir aquilo que a natureza não lhe deu: se não tem asas, como os pássaros, é capaz de inventar o avião; se não tem a velocidade de um leopardo, pode inventar o carro e se locomover mais rápido. Nesse sentido, enfatiza que o humano é inapto para a vida em qualquer ambiente natural, porque não tem órgãos e instintos especializados. Por isso, depende da transformação inteligente de qualquer circunstância que se apresente.



O desenvolvimento não se limitou às necessidades de defesa e ataque. A busca por uma vida mais confortável também contribuiu. O exemplo mais notório talvez seja a invenção da roda, que acelerou a vida a partir da Idade Antiga. Apesar de alguma divergência entre os historiadores, a data mais citada para a invenção da roda é 3500 a.C., quando datam as placas de argila nesse formato, achadas onde hoje fica o Iraque.

Essas placas provavelmente foram feitas a partir de moldes arredondados de madeira presos por ripas, defendem os historiadores. Só por volta de 2000 a.C. é que a invenção, que se espalhou para outras partes do mundo, começou a ter um uso prático. O primeiro deles foi o veículo de tração, semelhante à carroça. Outro foi para puxar madeira e animais abatidos, antes transportados por deslizamento, o que exigia mais força e gastava mais tempo.

A roda é um exemplo claro de dois conceitos de McLuhan que não envelhecem: o de *aceleração*, que diz que uma tecnologia nasce em função de uma necessidade ou de uma tecnologia já existente; e o de *extensão*, que classifica toda máquina como um prolongamento do corpo humano.

Dentro do conceito de *aceleração*, por exemplo, a roda ampliou o ritmo de vida. Seu uso fez surgir a carroça, que despertou a necessidade de se ter estradas; depois inspirou outros veículos, entre os quais a bicicleta e, mais tarde, os automóveis. Estes também alteraram a noção de tempo, obrigando a pavimentação das vias, que se mostraram esgotadas e impulsionaram a invenção de outros tipos de transportes, como o avião – a ideia central é uma tecnologia puxar a outra em simbiose.

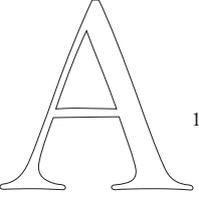
No conceito de *extensão* do corpo humano, a roda seria uma espécie de pé em rotação, algo capaz de facilitar a vida humana, a qual foi criada a partir do movimento biológico e da necessidade de movimentar-se mais rapidamente.

Antes do aparecimento do veículo de rodas, vigorava o princípio da tração (...). A bicicleta elevou a roda ao plano de equilíbrio aerodinâmico, e criou o aeroplano – de maneira indireta. As transformações da tecnologia têm o caráter da evolução orgânica porque todas as tecnologias são extensões do nosso ser físico (...). Toda tecnologia cria tensões e necessidades nos seres humanos que a criaram. A nova necessidade e a nova resposta tecnológica nascem do abrangimento da tecnologia já existente – e assim por diante, num processo incessante. (MCLUHAN, 1964, p.208).

Nesse contexto, a eletricidade representa outro marco importante na relação do homem com a tecnologia – pois ela está para a máquina como o sistema nervoso central está para o homem, segundo a teoria mcluhiana. A eletricidade que hoje mantém ligados todo tipo de computador surgiu de um processo que começou em 600 a.C. com Tales de Mileto (o grego descobriu a existência de um campo de força ao esfregar âmbar e pele de animal), passou pela Revolução Industrial (em 1750, com máquinas a vapor que colocaram o fogo em movimento e aceleraram o desenvolvimento de combustíveis fósseis como carvão, gás e petróleo) até o uso coletivo, a partir do século 19.

No corpo humano, o sistema nervoso central é vital para o funcionamento de todos os órgãos. Não há movimento sem ele. Não há coordenação, reflexão, ação de quaisquer espécies. Apesar da importância, só no século passado, sobretudo com experiências feitas em animais, é que houve avanços significativos da medicina acerca do tema.

Com a tecnologia elétrica, o homem projetou para fora de si mesmo um modelo vivo do próprio sistema nervoso central, que poderia ser chamado de a “rede elétrica” que coordena os diversos meios de nossos sentidos.



Fisiologicamente, no uso normal da tecnologia (de seu corpo em extensão vária), o homem é perpetuamente modificado por ela, mas em compensação sempre encontra novos meios de modificá-la. É como se o homem se tornasse o órgão sexual do mundo da máquina, como a abelha do mundo das plantas, fecundando-o e permitindo o envolver de formas novas. (MCLUHAN, 1964, p.65).

A simbiose entre homem e máquina está em todos os lugares e objetos, o que explicita a ideia de que todos os equipamentos que se dispõem são extensões de nosso próprio corpo. Veja-se o exemplo do rádio, criado em 1912, um dos primeiros veículos de comunicação de massa a basear-se em ondas de recepção e transmissão. Não é necessário entrar em detalhes técnicos para comparar o ouvido humano ao receptor de rádio, segundo a teoria mcluhiana. Assim como o equipamento contido no rádio é capaz de decodificar as ondas eletromagnéticas e recodificá-las como som, o ouvido humano faz o mesmo processo com a voz humana ao traduzir o som em ondas eletromagnéticas.

A tecnologia sempre exerceu um fascínio sobre o homem, algo parecido com o que ocorrera na mitologia grega com Narciso, que se encantou com ou reflexo na própria imagem na água. Como diz Mcluhan, “é fato de que os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios”. (MCLUHAN, 1964, p.59).

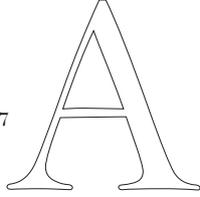
Talvez o que mais tenha fascinado o homem ao longo da história tenha sido o surgimento do computador. Este é, a nosso ver, um exemplo claro de extensão do homem na máquina. Onde o homem poderia guardar tantas informações, se não usando o computador? Onde processaria tantas informações sem o equipamento?

A COMPUTAÇÃO AVANÇA PELO MEDO DA GUERRA

A computação é talvez o exemplo mais forte de que “a guerra e o temor da guerra sempre foram considerados os maiores incentivos à extensão tecnológica de nossos corpos”. Um marco na história da computação foi a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) por causa das máquinas de decifração de mensagens entre Aliados (China, França, Grã-Bretanha, União Soviética e Estados Unidos) e as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Foi a partir de teorias e concepções acerca de máquinas como Enigma e Colossus que outras ferramentas da computação se desenvolveram até a chegada dos computadores pessoais, nos anos 1970.

A guerra, contudo, não é o único combustível no desenvolvimento da computação. A matemática também a impulsiona, sublinha Filho (2007). Segundo o autor, a computação nasceu do desejo de se compreender a capacidade de que o homem tem de resolver problemas de forma sistemática. Assim, destaca o autor, a tentativa de reproduzir mecanicamente estes procedimentos, muitos deles exaustivamente repetitivos, lançou as bases para estabelecer a computação como se conhece hoje.

A história da computação está marcada por interrupções repentinas, por mudanças imprevistas, tornando-se difícil a visão da evolução dos computadores mediante uma mera enumeração linear de invenções-nomes-datas. O desejo de conhecer as vinculações que o trabalho de determinados homens estabeleceram no tempo vem acompanhado do impulso de compreender o peso desses atos no conjunto da história da computação (...). A computação é um corpo de conhecimentos formado



por uma infraestrutura conceitual e um edifício tecnológico onde se materializam o hardware e o software. A primeira fundamenta a segunda e a precedeu. A teoria da computação tem seu desenvolvimento próprio e independente, em boa parte, da tecnologia. Essa teoria baseia-se na definição e construção de máquinas abstratas, e no estudo do poder dessas máquinas na solução de problemas. (CLÉZIO, 2007, p.13).

O autor explica que a preocupação constante de minimizar o esforço repetitivo produziu o desenvolvimento de máquinas, que passaram a substituir os homens em determinadas tarefas, como o computador. Ele acrescenta que um marco para a computação foi o aparecimento da noção de número natural, passando pela notação aritmética e pela notação mais vinculada ao cálculo algébrico. Isso fez surgir regras fixas que permitiram computar com rapidez e precisão.

Como destacam Briggs e Burke (2006, p. 273), logo que deixaram de ser consideradas máquinas de calcular ou úteis acessórios de escritórios, nos anos 1970, “os computadores passaram a fazer com que todos os tipos de serviços, e não somente os de comunicações, tomassem novas formas”.

O FOSSO ENTRE ALFABETIZADOS E NÃO ALFABETIZADOS DIGITAIS

A disseminação dos computadores pessoais, nos anos 1970, é considerada por cientistas culturais o fato mais significativo para o desenvolvimento da comunicação e do ser humano desde a descoberta dos tipos móveis de Gutenberg, em 1456. A importância desses dois marcos reside no fato de que, a partir deles, todo o comportamento humano se modificou. Houve avanços na área profissional, educacional e comportamental, para citar casos básicos.

Em uma análise mais específica, a venda em massa dos computadores pessoais marca um divisor de águas na forma como o homem se relaciona com a máquina. A partir desse fenômeno surge o que alguns autores denominaram de fosso digital, que separa os alfabetizados e os não alfabetizados nessa seara. O uso do computador passou a ser uma competência básica para quaisquer atividades, como o é a leitura e a escrita.

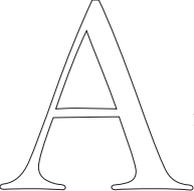
Os computadores não teriam a importância que têm hoje se não fosse pela rede mundial de computadores, um dos maiores saltos para o desenvolvimento da comunicação e da própria humanidade. A “guerra e o temor da guerra” foram determinantes à sua criação.

Em uma visão mais rasa, é comum colocar a primeira estaca da rede nos anos 1960, quando a Agência de Pesquisa e Projetos Avançados (Arpa, da sigla em inglês) do governo norte-americano criou uma rede nacional de computadores, a Arpanet, para comunicação interna em caso de ataques armados.

Entretanto, é importante destacar que, antes das razões bélicas explicitadas na concepção da Arpanet, que endossa a percepção mcluhiana de que a guerra ou o temor dela são grandes estimuladores da tecnologia, a necessidade básica de comunicação do homem foi igualmente importante.

Briggs e Burke (2006) lembram que a internet só saiu dos ambientes militares e científicos e atingiu as proporções astronômicas de hoje em dia porque atraiu o interesse comercial, o que se percebe em outras mídias.

O valor da net fora das universidades e das unidades militares dependia da ampliação da consciência de suas possibilidades comerciais. O primeiro provedor de serviços comerciais online, o CompuServe, começou a operar em 1979, no



início servindo ao que foi chamado de um clube privado, em parte propriedade do grupo Time/Warner. Seguiu-se um rival de peso, a American Online, ligadas a grupos alemães e franceses. Também houve um terceiro, o Prodigy. Assim, é possível traçar, pelo menos em retrospecto, o que parece ser uma sequência lógica na complexa história da internet, tal como aconteceu com vários ramos da história das comunicações: uma nova fase se abriu quando a net atraiu interesses comerciais. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 302).

A internet é hoje a base da comunicação moderna, sobretudo por possibilitar a interatividade e a instantaneidade (SALAVERRÍA, 2005), características do ambiente virtual que se denomina ciberespaço, nosso próximo tópico.

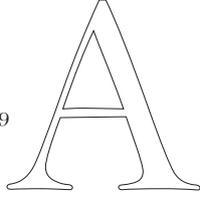
CIBERESPAÇO: AMBIENTE VIRTUAL DA COMUNICAÇÃO MODERNA

O encontro dos computadores pessoais com a internet solidificou um ambiente novo, com valor incalculável para o desenvolvimento da comunicação e da própria humanidade, o ciberespaço. Fonte inesgotável de estudos, o ciberespaço não se limita apenas às novas formas de relação entre homem e máquina a partir dos computadores ligados em rede. Como lembra Santaella (2004), não há um consenso sobre o sentido a ser dado a ciberespaço. Entretanto, destaca a autora, a maioria dos estudiosos “concorda quanto ao fato de que, no seu sentido mais amplo, ele se refere a um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em relação simbiótica que cresce graças à comunicação interativa”. Veja-se, então, a definição dada pela autora, que se julga apropriada:

Ciberespaço é um espaço informacional, no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de outros usuários. O ciberespaço inclui, portanto, todas as modalidades de uso que as redes possibilitam, de modo que a realidade virtual é apenas a extensão última desse processo até o ponto de produzir um grau de imersão sensorial total no ambiente simulado. Em síntese, ciberespaço será considerado como todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, conclui, o ciberespaço tem a dimensão que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Esse espaço também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que estes permitem a conexão e troca de informações. Conclusão: ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. (SANTAELLA, 2004, p.45).

Etimologicamente, cabe destacar que *cyber* vem do grego e quer dizer controle. Espaço carrega a ideia principal de lugar. O termo foi empregado pela primeira vez pelo norte-americano William Gibson no romance *Neuromancer* (1984), embora haja quem veja referências no conto *Burning Chrome* (1982). Gibson considera ciberespaço uma representação física e multidimensional do universo abstrato da informação. Um lugar para onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica para trás. Ao narrar as aventuras de Case, seu personagem em *Neuromancer*, destaca:

(...) No monitor Sony, uma guerra do espaço bidimensional desaparecia atrás de uma floresta de brotos gerados matematicamente, demonstrando as possibilidades



espaciais das espirais logarítmicas; e então entrou uma filmagem militar azulada, com animais de laboratório plugados a sistemas de controle, capacetes controlando circuitos de comando de tanques e aviões de combate. - O cyberspaço. Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças aprendendo altos conceitos matemáticos. Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de dados de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espço da mente; constelações infundáveis de dados. Como marés de luzes da cidade. (GIBSON, 1984: 67-68).

Antes, porém, já se havia feito menção ao termo cibernética. Foi na década de 1940, pelo físico Norbert Wiener, significando ciência do controle e da comunicação entre os seres vivos e as máquinas. A partir daí, destaca Silvana Drumond Monteiro no artigo *O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito* (2007), o prefixo *ciber* passou a ser usado para designar termos relacionados à computação.

Para Pierre Lévy (1999), o ciberespaço é um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores, através das quais todas as informações do mundo moderno circulam.

O espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme, sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários campos, como por exemplo na Pedagogia, Estética, Arte e Política. O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. (LÉVY, 2003, p. 39).

O ciberespaço não é algo que se possa medir, como um lote na praia. Os autores costumam dizer que ele é caracterizado pela “não espacialidade”, estendendo-se por uma dimensão infinita ligada à globalidade dos usuários da rede.

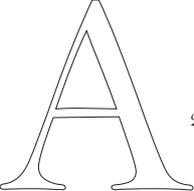
Lemus (2003) diz que o potencial do ciberespaço está em sua capacidade de criar uma comunicação ágil, livre e social que pode ajudar na “democratização dos meios de comunicação, assim como dos espaços tradicionais das cidades”. Assim, os cidadãos poderiam debater seus problemas de forma coletiva, incentivando o debate e a tomada de posição política e social.

A MENTALIDADE TECNOLÓGICA IRRACIONAL

Neste ambiente virtual em que opera a comunicação moderna, a tecnologia parece ocupar um espaço de grandes proporções na vida humana, a ponto até de mudar o modo de se falar: costuma-se dizer *estou off* quando não se está conectado da internet, ou *preciso me programar* quando se recebe um convite. Nos dois casos incorpora-se ao próprio vocabulário expressões do mundo das máquinas.

Cupani (2011) acredita que esta postura indica que a humanidade adotou, de forma irrefletida, uma atitude e uma mentalidade tecnológicas. A sociedade tecnológica que resulta de comportamentos dessa natureza, diz, valoriza mais o artificial do que o natural.

O autor observa um fenômeno parecido na ciência: ao se incorporar cada vez mais a tecnologia, a ciência se converte em tecnociência, na qual as pesquisas priorizam as oportunidades tecnológicas ante os interesses teóricos:



Como é notório, a ciência e a tecnologia têm se convertido em elementos inerentes às sociedades industriais e vão se incorporando, não sem conflito, às sociedades a elas subordinadas. A vinculação entre a ciência e a tecnologia é cada vez mais estreita, originando o que está sendo denominado tecnociência, vale dizer, a pesquisa que obedece antes as oportunidades tecnológicas do que as interesses teóricos. Como essas oportunidades respondem, na maioria dos casos, a motivações extracientíficas (industriais, políticas, militares, comerciais), a simbiose da ciência e da tecnologia com os rumos das sociedades torna-se cada vez maior. (Ibid, p. 187).

No entender do autor, o saber tecnológico influencia a sociedade. A sociedade, por sua vez, o incorpora de maneira irrefletida, muda sua cultura e, conseqüentemente, altera a personalidade de seus membros.

Nesse processo, observa o autor, há impactos em áreas essenciais, como a educação e a ciência: na educação, o eixo migra de um centro moral ou social para uma aquisição de habilidades, principalmente as que permitem acompanhar o desenvolvimento tecnológico; na ciência, a tecnologia se converte na forma quase exclusiva de relacionamento com a natureza externa e interna do ser humano.

Este processo se deu de tal maneira que, segundo Postman (1994), o saber tecnológico está incorporado na sociedade contemporânea. Este autor avalia que os indivíduos dessa sociedade vivem na era do tecnopólio, um processo iniciado no século 20 que atualmente proíbe pensar modos alternativos de vida sem o predomínio da tecnologia.

No entender do autor, o tecnopólio é o terceiro período tecnológico do nosso tempo: o primeiro foi na época do uso de ferramentas e instrumentos em que a respectiva cultura impunha limites morais e religiosos; o segundo ocorreu a partir do século 19, quando ainda se mantinham ideais tradicionais, mas as culturas já se curvavam às exigências tecnológicas.

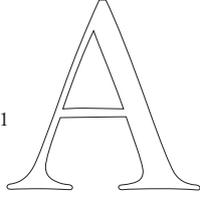
Para Postman (1994, p. 22), “as novas tecnologias mudam aquilo que entendemos como conhecimento e verdade; elas alteram hábitos de pensamento profundamente enraizados, que dão a uma cultura seu senso de como é o mundo – um senso do que é a ordem natural das coisas, do que é sensato, do que é necessário, do que é inevitável, do que é real”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como em outras épocas de nossa história, a tecnologia altera rotinas e muda o comportamento humano em nossos dias. Há mudanças visíveis nos campos da educação, do trabalho e das relações humanas. Em meios às discussões sobre o tema e sobre os aparelhos que chegam ao mercado, muitas vezes esquece-se de que a tecnologia não é um fenômeno novo.

Como observa José Ortega y Gasset (1933), o homem vive permanentemente em busca pelo bem-estar, por isso usa a tecnologia para transformar o mundo ao seu redor: se está frio, provoca calor; se não tem asas para voar, inventa o avião; se não pode correr mais rápido que um leopardo, inventa o carro, e assim por diante.

É para assegurar a satisfação das necessidades com o menor esforço possível que, ao longo da história, o homem sempre demonstrou ter relação estreita com as ferramentas tecnológicas. O computador, matriz dos aparelhos tecnológicos que revolucionam a comunicação moderna, é uma delas.



Mas a tecnologia, como observa Feenberg (2002, apud Cupani, 2004, p. 508), não é um fenômeno neutro: ela impacta no cotidiano, muitas vezes impondo à sociedade um novo jeito de ser, viver e trabalhar.

Nesse sentido, cabe perguntar: o uso em massa de celulares inteligentes não estaria criando um novo tipo de *habitus* humano, baseado na dependência de aparelhos afins?

Na definição de Bourdieu (2005, p. 191), *habitus* é “o sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”.

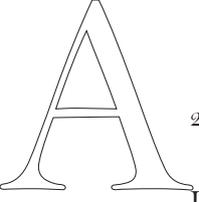
Na era dos celulares inteligentes, este *habitus* parece (1) *alterar rotinas e comportamentos* e (2) *reduzir o valor da informação*.

Alterar rotinas e comportamentos porque leva o estresse típico de profissionais da comunicação, como os jornalistas, a todas as pessoas: há quem confira o recebimento de *e-mails* como um repórter que aguarda ansioso o retorno da fonte para fechar a matéria; há quem poste um evento particular com a pressa de um redator de portal; há quem lamente a falta de *likes* na *selfie* como o repórter que passou semanas apurando um escândalo e não recebeu um elogio sequer; há quem faça informes de seu dia com o mesmo compromisso de um redator de *site* em uma cobertura tipo minuto a minuto.

Reduzir o valor da informação porque, como observa Postman (1994), a humanidade tem passado de uma época de escassez de informação sobre a maioria dos assuntos a uma época de excesso de informação sobre qualquer coisa. Como este processo, segundo Cupani (2011, p. 194), vem “acompanhado do enfraquecimento dos esquemas mentais tradicionais de interpretação do mundo, o resultado é que os homens se encontram perdidos, sem saber como escolher nem como valorar a informação”. Assim, completa o autor, o aumento da informação converte-se no aumento da ignorância.

REFERÊNCIAS

- BOUDIEU, Pierre. **A economia e as trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia**. Florianópolis: EdUFSC, 2011.
- CUPANI, Alberto. **A tecnologia como problema filosófico**. Três enfoques. *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 2, n. 4, 2004.
- FILHO, C. F. **História da Comunicação: o caminho do pensamento e da tecnologia**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007.
- GEHLEN, Arnold. **Antropologia filosófica**. Del encuentro Del hombre por si mismo. Barcelona, Ediciones Paidós, 1993.
- GIBSON, W. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1984.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.



LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

LEMUS, A. **Cibercidades:** um modelo de inteligência coletiva. In. Cibercidade. Cidades na cibercultura. Rio de Janeiro. Editora e-papers, 2003, p-19-26.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

NEGROPONTE, N. **A Vida Digital.** 2. ed. SP: Cia das Letras, 1995.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica,** s.l., 1933.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio:** a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

SALAVERRÍA, R. **Redacción periodística en internet.** Barañáin: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.